

Um lugar para o discursivo na relação entre o dispositivo lexical e o dispositivo sintático

Luiz Francisco Dias
Universidade Federal de Minas Gerais



Résumé : Les unités lexicales reçoivent des déterminations de l'ordre de la mémoire discursive dans le mouvement de constitution de l'articulation syntaxique. Nous analysons plus spécifiquement les déterminations qui ont une incidence sur le substantif ou la formation nominale (lorsque ceux-ci assument la place de complément verbal d'un énoncé). Nous soutenons la thèse selon laquelle la démarche qui mène à prendre une place dans ce lieu précis passe par la mémoire discursive. Pour cela nous analysons des énoncés issus d'un document de presse, pour montrer comment la syntaxe peut révéler l'interface entre l'actualité énonciative et une mémoire issue d'autres dits qui sont à la base de l'énonciation.

Mots-clés : Syntaxe, discours, lexique

Resumo: As unidades lexicais recebem determinações do campo da memória discursiva no processo de constituição da articulação sintática. Especificamente, analisamos as determinações que incidem no substantivo ou na formação nominal quando assumem o lugar do complemento verbal na sentença. Nessa direção, defendemos a tese segundo a qual a ocupação desse lugar passa por um apontamento no campo da memória discursiva. Para isso, analisamos enunciados produzidos na esfera jornalística, no sentido de mostrar como a ocupação desse lugar sintático revela a interface entre a atualidade enunciativa e uma memória de outros dizeres que sustentam a enunciação.

Palavras-chave: Sintaxe, discurso, léxico

Abstract : Lexical units receive determinations from the field of discourse memory in the process of the constitution of syntactic articulation. We specifically analyzed the determinations that focus on the noun or on the nominal conformation, when it assumes the place of the verbal complement in the sentence. Thus, we defend the thesis according to which the fulfillment of this place goes through a notation in the field of discourse memory. For this, we have analyzed the statements produced in journalistic spheres, to show how the fulfillment of this syntactic place reveals the interface between present enunciation and a memory of other sayings that support the enunciation.

Key words: Syntax, discourse, lexicon

Um reencontro possível com Jean Peytard

A obra do pesquisador Jean Peytard, particularmente o livro *Linguistique et enseignement du français*, traduzido e adaptado no Brasil com o título de *Linguística e ensino do português* era obra recorrente nos programas de linguística no início dos anos 80, quando a linguística aplicada era pouco difundida no Brasil. De um modo objetivo e didático, o texto apresentava com rigor conceitual os temas da linguística recorrentes na época, conduzindo os pesquisadores e estudantes, dentre os quais me incluo, à compreensão das principais controvérsias envolvidas nas diferentes abordagens.

Em um dos capítulos do livro, os autores Genouvrier e Peytard apresentam os problemas linguísticos relacionados ao vocabulário e ao léxico. Nesse capítulo, defendem uma superposição parcial do domínio da gramática e do domínio do léxico. A passagem de um para o outro deveria ser realizada mediante uma reflexão bem mais densa, diziam os autores. Ainda no mesmo capítulo, encontramos uma afirmação que nos conduz a uma especificação dessa passagem entre os dois domínios: “[...] o gramatical representa, num enunciado, o padrão que o estrutura, ao passo que o lexical fornece as palavras susceptíveis de inserção nos espaços indicados pelo gramatical” (Genouvrier et Peytard, 1974: 297). Nessa perspectiva, afirmam eles, “[...] o estudo dos elementos do léxico deve basear-se simultaneamente no exame das relações semânticas e das relações sintáticas” (*op.cit.*: 304).

Naturalmente, após trinta anos de minha formação acadêmica na graduação, as reflexões desenvolvidas pelos autores sobre relações semânticas e sintáticas desenvolvidas num mesmo plano e a questão dos *espaços indicados pelo gramatical* adquiriram um alcance de compreensão bem maior do que aquele que eu possuía como aluno de graduação.

Dessa forma, voltar ao livro de Genouvrier e Peytard e reler o capítulo “Problemas linguísticos do vocabulário e do léxico” representa um gesto significativo frente ao estágio da pesquisa que desenvolvemos atualmente no campo da semântica da enunciação, em uma linha de investigação na qual procuramos entender as regularidades gramaticais como suporte para o desenvolvimento dos processos significativos. Os exemplos analisados no livro se direcionam prioritariamente para a morfologia. Atualmente, a nossa abordagem se situa no âmbito das relações entre os lugares sintáticos.

Neste estudo, destacamos os principais aspectos relativos aos espaços indicados pelo gramatical, apresentados pelos autores do livro, e ensaiamos uma perspectiva de desenvolvimento da relação entre léxico e gramática que acreditamos seja compatível com a visão que Peytard cultivava, uma visão em que o discursivo se fazia presente nos estudos da língua.

Assim, partimos da tese, inspirada em Genouvrier e Peytard, segundo a qual as regularidades gramaticais, as quais fornecem o padrão de estruturação do enunciado, indicam os espaços para as unidades lexicais adquirirem sentido enquanto componente enunciativo. Na perspectiva de trabalho que nós temos

desenvolvido, no âmbito de uma semântica da enunciação, cinco tarefas se impõem. Nessa direção, há que se definir:

- a) os espaços indicados pelas regularidades gramaticais, especificamente pelas regularidades sintáticas;
- b) a relação entre a sentença, enquanto esfera em que se desenvolvem os padrões de estruturação sintática, e o enunciado;
- c) o processo de indicação de espaços;
- d) a passagem entre os dois domínios (lexical e gramatical), mais especificamente entre os espaços sintaticamente constituídos e os itens lexicais;
- e) o processo em que uma unidade adquire sentido como componente enunciativo.

As três primeiras tarefas já receberam uma abordagem inicial em um texto publicado recentemente (Dias, 2009). No presente estudo, focalizaremos, ainda que sucintamente, as tarefas (d) e (e). Antes de desenvolver esses dois pontos, apresentamos uma visão panorâmica tanto dos conceitos fundamentais envolvidos na linha de pesquisa voltada para uma visão enunciativa da gramática do Português, quanto das três primeiras tarefas já desenvolvidas.

Gramática e enunciação

O verbo, na medida em que deixa o estado de item lexical e assume o papel de constituir a nucleação sintática, é afetado por uma regularidade na Língua Portuguesa, cuja característica mais marcante é a constituição de um lugar sintático que a tradição gramatical denomina objeto verbal. Se os verbos em Português regularmente projetam um lugar de objeto, a tendência da tradição gramatical foi de considerar como “objeto” um ente ou uma situação do mundo real ou imaginário, que adquire uma representação na linguagem como um grupo nominal (como em 1), ou como uma oração substantiva (como em 2).

- 1) *Carla visitou a feira de artesanato*
- 2) *Nós desejamos que as leis de trânsito sejam respeitadas*

As sequências em destaque constituem as unidades linguísticas que a gramática tradicionalmente designa como objeto (1) e como oração objetiva (2). Com efeito, os nossos exercícios de gramática nos manuais escolares solicitam aos alunos que sublinhem o objeto direto, ou o sujeito ou o adjunto, em determinada sentença, na expectativa de que eles tenham condições de reconhecer na linguagem a representação desses entes (como “feira de artesanato”) ou situações de mundo (leis sendo respeitadas). No âmbito de uma abordagem enunciativa da gramática, o objeto não é nem esses entes ou situações, e nem as unidades linguísticas propriamente ditas. Defendemos com Milner (1989), a tese segundo a qual a sintaxe não se constitui na relação entre termos lexicais, mas na relação entre *sites*, isto é, lugares sintáticos qualificados para receber os termos lexicais. Nessa direção, os lugares sintáticos adquirem propriedades relativamente independentes dos termos que venham a ocupá-los. Isso nos permite identificar os lugares sintáticos mesmo que eles não estejam “preenchidos” por itens lexicais, ou mesmo identificar outros itens lexicais que não estejam ocupados no fio sintático, mas que produzem efeito de sentido no enunciado, como veremos adiante, na análise de uma manchete jornalística.

Nessa perspectiva, o objeto verbal será abordado como lugar sintático, e como tal adquire características específicas como espaço projetado pelo verbo, capaz de ser ocupado por unidades materiais de caráter nominal. Entre a constituição desse lugar gramatical e a perspectiva de sua ocupação, temos as determinações da memória discursiva.

No âmbito dessa concepção, os espaços indicados pelas regularidades gramaticais são aqui interpretados como lugares sintáticos. Em se tratando do objeto, o verbo projeta esse lugar como componente da predicação. A sua ocupação, por sua vez, obedece a condições de demanda próprios da enunciação.

Na abordagem que estamos desenvolvendo, a *sentença* é concebida como a unidade em que os lugares sintáticos adquirem identidade no âmbito da sua própria economia interna, considerando-se a organicidade (posições e localizações dos itens léxicos) que se instala na sua composição formal. Por sua vez, acreditamos que as condições formais, no plano orgânico, não são suficientes para uma compreensão do funcionamento sintático. É necessário considerarmos as condições enunciativas da existência da sentença, e essas condições determinam a relação entre os lugares sintáticos, considerados no plano orgânico, e as unidades lexicais. Nessa direção, passamos a observar a sentença no seu caráter de enunciado.

Segundo Benveniste (1989) “[...] a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas”. A leitura que fizemos dessa afirmação passa pelo redimensionamento do campo de abordagem da transitividade para chegarmos às condições de configuração e ocupação da função sintática *objeto*. No plano da organicidade, ou seja, no plano das formas, o objeto direto é um lugar sintático projetado pelo verbo, e não recebe marcas de concordância. Mas é no plano do enunciável que se configuram as condições de ocupação desse lugar. É nesse plano que encontramos as condições de emprego da língua, justamente onde a referência ganha seus domínios na memória histórica atualizando a sentença no seu acontecimento enunciativo.

Quanto ao processo de indicação dos espaços sintáticos (lugares sintáticos, na nossa terminologia), defendemos a posição de que a sentença é a face regular da unidade configurada como enunciado. Como tal, ela detém uma geografia de lugares sintáticos (Milner, 2009) nos quais a memória do dizível e uma demanda de atualidade encontram pontos de contato. O enunciado se beneficia dessa relativa estabilidade dos lugares sintáticos. Na abordagem que estamos desenvolvendo, o olhar sobre a sentença não pode se desvincular do olhar sobre esse ponto de contato.

Gramática, discurso e léxico

Dissemos acima que vamos desenvolver neste estudo os temas (d) e (e), os quais se constituem em tarefas que apontamos como essenciais para a compreensão da relação entre o campo gramatical e o campo lexical. Para isso, analisaremos uma manchete de reportagem de capa da Revista *Veja* (2011):



Fonte: *Veja*. São Paulo, vol. 44, n. 2207, 9 de março de 2011.

O enunciado *Ei, você aí, me dá um partido aí...*, apreendido como sentença, na perspectiva do plano da organicidade, apresenta o verbo dar, e com ele duas projeções de lugares de objeto. As formações nominais *um partido* e *me* objetos direto e indireto, respectivamente, na terminologia tradicional ocupam esses lugares. No viés de análise que estamos adotando, objetos não são as formações nominais em si mesmas, mas o lugar (projetado pelo verbo) que as abriga. Neste estudo, vamos estabelecer um foco no lugar-objeto direto, ocupado por *um partido*, e buscar a perspectiva do plano da enunciação, no sentido de analisar as condições dessa ocupação.

Provavelmente, a maioria dos brasileiros reconhece, na leitura desse enunciado, a sombra de outro. Trata-se de um dos versos da popular marchinha de carnaval “Me dá um dinheiro aí”:

Ei, você aí!
Me dá um dinheiro aí!
Me dá um dinheiro aí!
Não vai dar?
Não vai dar não?
Você vai ver a grande confusão
Que eu vou fazer bebendo até cair
Me dá me dá me dá, ô!
Me dá um dinheiro aí!

Observemos que, no enunciado da marchinha, o lugar de objeto é ocupado por *dinheiro*.

Que sentido adquire a utilização do verso da marchinha na manchete da revista, em enunciado de caráter político partidário? O que podemos aprender sobre a passagem entre os domínios lexical e gramatical, isto é, sobre a relação entre os espaços sintaticamente constituídos e os itens lexicais? Como caracterizar *um partido*, enquanto item lexical que ocupa organicamente o lugar de objeto da sentença da manchete, e, ao mesmo tempo, enquanto fulcro enunciativo, capaz de arregimentar um lugar de memória, levando ao apontamento de uma exterioridade (*dinheiro*)?

Segundo Achard (1999), as regularidades gramaticais participam decisivamente da retomada e circulação dos discursos. Um enunciado pressupõe necessariamente implícitos, e abriga na sua constituição, tendo em vista a sua contraparte sintática, as regularidades formais que permitem a (re) construção desses implícitos. É exatamente aqui que entra o conceito de memória discursiva. A memória é considerada de natureza discursiva porque ela só é captada na relação entre discursos. Nessa relação, temos, de um lado, a instância da formulação discursiva, na constituição do acontecimento enunciativo, e do outro a instância daquilo que circulou em outros tempos e lugares. No acontecimento enunciativo teríamos um “reenquadramento”, nos termos de Achard, daquilo que circulou em outras enunciações, e se constituiu em memória. Nesse reenquadramento, a memória não restituiria frases escutadas no passado. Nesse nível da atualização, isto é, da formulação propriamente dita do enunciado, frente à instância de um passado implícito a ser (re)construído, opera-se com “derivações de possíveis em relação ao dado” (Achard, 1999: 16). Haveria, segundo ele, um jogo de força, que tem, de um lado, a regularização própria das formas linguísticas, tendo em vista o plano da organicidade, e de outro o histórico, apreendido como memória. A enunciação deve ser tomada, segundo o autor, como “operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso” (Achard, 1999: 17).

Na análise do enunciado em pauta, a projeção de um lugar de objeto advindo do verbo *dar* constitui-se como regularização formal básica para que a instância da memória encontre um ponto de contato, conforme termos que utilizamos acima, com a demanda da atualidade. Na medida em que se utiliza o termo “partido”, no lugar de objeto, em um enunciado que nos conduz ao termo *dinheiro*, temos então um ponto de contato interessante do ponto de vista discursivo e sintático. O objeto verbal da sentença que habita o enunciado da manchete não é nem *partido*, em si mesmo, e nem exatamente *dinheiro*, mas um lugar de contato entre uma memória e uma atualidade, um lugar de apontamento, conforme Berrendonner (1990: 26).

A enunciação, na nossa perspectiva, é concebida como o acontecimento da produção do sentido, isto é, da relação entre um campo de memória e uma atualidade do dizer (Guimarães, 1995). A atualidade do sentido de *partido* se dá na relação com a instância da memória em que *dinheiro* se constitui como objeto de *dar* na marchinha de carnaval. A enunciação coloca em relação os termos *partido* e *dinheiro*. O espaço indicado pelo gramatical abriga o ponto de convergência dessa relação.

Nessa direção, a passagem entre os domínios lexical e gramatical mantém dependência com a relação entre os espaços sintaticamente constituídos e os itens lexicais. No caso em análise, a regularidade das formas linguísticas, especificamente a projeção de objeto do verbo *dar*, mostrou-se imprescindível no estabelecimento das condições materiais para que a revista pudesse evidenciar um ponto de vista sobre a atividade partidária na atualidade brasileira. As proposições de filiação a partidos políticos são determinados menos pelos ideais do que pelos interesses financeiros. Apresentar *dinheiro* como um objeto em retomada, no mesmo lugar sintático em que *partido* se coloca na cena

enunciativa em construção, torna-se uma estratégia de atualização do sentido de partido, isto é, de acrescentar direções ao sentido de partido no contexto político brasileiro.

Os lugares de objeto em sintaxe se constituem em espaços no enunciado para que unidades lexicais adquiram novas direções e novas dimensões de sentido. Cabe a um estudo que trabalhe com a relação entre sintaxe e enunciação levantar os aspectos que constituem a estabilidade e a regularidade enunciativa, tendo em vista que o plano da organicidade, que sustenta a unidade sentencial, proporciona as bases para a relação entre a memória e a atualidade.

O fazer sentido não está unicamente associado aos eventos, às entidades, e ao tempo cronológico em que o dizer se manifesta materialmente. Ele também se associa a uma dimensão pressuposta e implícita da realidade objetiva, isto é, a uma instância de memória. Na perspectiva que estamos adotando neste estudo, essa dimensão pressuposta da realidade guarda uma relação com a interdiscursividade.

De acordo com o ponto de vista que estamos desenvolvendo, fazer análise sintática é uma tarefa mais ampla do que apenas reconhecer o complemento verbal numa sentença, na medida em que a gramática assume o papel de explicar o fato linguístico. Nós buscamos, neste estudo, discutir aspectos relevantes do componente explicativo da gramática, observando a constituição da referência através do complemento verbal.

A referência adquire um papel importante no nosso trabalho. Especificamente, partimos da hipótese segundo a qual a constituição da referência não é algo da relação entre a linguagem e o real, e nem algo relativo ao gesto singular do sujeito na locução. Na nossa perspectiva, a referência se constitui na relação entre o acontecimento do dizer e o domínio histórico da constituição desse acontecimento (Guimarães, 2002). O fato de assumir um lugar de sujeito nesse domínio histórico permite a ele (sujeito) igualmente assumir perspectivas de constituição de recortes de significação. Assim, o objeto referido é, antes de tudo, um objeto constituído no gesto de significação, isto é, um objeto historicamente delimitado no acontecimento enunciativo. No exemplo que abordamos, a referência de *partido* passa necessariamente pela delimitação que *dinheiro* proporciona no acontecimento enunciativo, pelo viés da relação entre memória e atualidade.

O verbo *dar*, assim como os verbos *fazer* e *ver*, dentre outros, favorecem uma amplitude nos domínios de referência, e proporcionam amplas possibilidades de ocupação quanto à diversidade e à produtividade desses domínios. Por isso, enunciados realizados com esses verbos propiciam os cruzamentos de gêneros textuais como esses, em que um enunciado do gênero marchinha de carnaval adquire outra dimensão, através do objeto verbal, em gêneros jornalísticos.

Trabalhamos com a tese segundo a qual esses termos adquirem uma sustentação discursiva, ao ocupar o lugar do objeto. Com a ideia de sustentação discursiva, vamos enfrentar o problema da pertinência da exterioridade na configuração da forma linguística.

Diferentemente das abordagens de ordem pragmática, que operam com a noção de contexto, a nossa abordagem pretende mostrar que faz parte da identidade da forma linguística uma dimensão enunciativa. Nessa dimensão, a exterioridade tem um caráter de memória (de ordem social e histórica). O locutor nunca tem um acesso geral e irrestrito a esse campo de memória, porque ele se configura em recortes discursivos, que são recortes da memória historicamente delimitados. A identidade do linguístico é produzida em relação com o discursivo. A língua faculta aquilo que no discurso ganha identidade. A própria ordem do linguístico abriga o caráter relativo, isto é, um caráter de independência relativamente ao plano da organicidade.

Palavras finais

Nós nos propusemos, neste estudo, definir como se dá a passagem entre os domínios lexical e gramatical, mais especificamente entre os espaços sintaticamente constituídos e os itens lexicais. Além disso, propusemos definir o processo em que uma unidade adquire sentido na instância do acontecimento enunciativo.

Esperamos ter mostrado que a passagem entre os domínios lexical e gramatical ocorre por uma relação de apontamento na enunciação. A constituição de um espaço gramatical (sintático) implica em uma demanda referencial, que se dá na relação entre um campo de memória e uma atualização, num ponto de convergência dessa relação, situado no lugar de objeto. O domínio lexical se submete a essa demanda de apontamento. Desenvolvemos, nessa direção, as formas como a língua se expõe ao campo de memória. É nesta exposição que o enunciável se confronta com os movimentos de articulação na sintaxe. É nessa exposição que uma unidade lexical adquire sentido como componente enunciativo.

Por fim, destacamos a importância dos estudos desenvolvidos por Genouvrier e Peytard, na medida em que apontaram caminhos profícuos para o desenvolvimento da relação entre léxico, gramática e discurso.

Bibliografia

- Achard, P. 1999. Memória e produção discursiva do sentido, In: Achard, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, pp. 11-21.
- Benveniste, E. 1989. O aparelho formal da enunciação, In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, pp. 81-90.
- Berrendonner, A. 1990. Pour une macro-syntaxe. *Travaux de linguistique*, n. 21, pp. 25-36.
- Dias, L.F. 2009. Enunciação e regularidade sintática. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP. v.51, pp. 7-30.
- Genouvrier, E., Peytard, J. 1974. *Linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina.
- Guimarães, E. 1995. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes.
- Guimarães, E. 2002. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes.

Milner, J-C. 1989. La théorie des positions, In: *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du Seuil, pp. 357-408.

Revista Veja. 9 de março de 2011, vol. 44, n. 2207.